

Aliados partem para o ataque

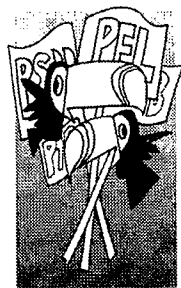
Preocupados com as constantes quedas do Presidente nas pesquisas, governistas montam estratégia para deter avanço de Lula

Idéia é associar o candidato do PT às imagens de violência, como os saques, para dar idéia de desordem pública

Integrantes da coordenação da campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso à reeleição concluíram que uma das formas de deter o avanço de Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas de intenção de voto é ligar a imagem do candidato do PT a riscos de desordem pública. A partir de agosto, quando se inicia o horário gratuito de rádio e televisão, filmetes e mensagens de rádio começarão a ser veiculados nos horários eleitorais gratuitos, mostrando cenas e narrativas de saques na região da seca do Nordeste, de manifestações contrárias ao Governo pautadas pela violência, entre outras situações de impacto negativo na opinião pública. A cada episódio relatado, a lembrança de que as imagens são uma pequena mostra do que será um eventual governo Lula.

Mas mesmo antes da propaganda eletrônica ir ao ar, os ataques e críticas a Lula serão cada vez mais intensos, seja por parte de aliados, como já demonstrou o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, seja nos discursos do próprio Fernando Henrique. Os integrantes da coordenação de campanha do Presidente estão se preparando ainda para uma intensa batalha jurídica.

A expectativa é de que o PT fará todas as tentativas para definir a eleição no "tapetão", recorrendo à Justiça Eleitoral por cada passo



FRENTE DA REELEIÇÃO

dado por Fernando Henrique. Os responsáveis pela campanha da reeleição prometem que o Governo não vai ficar só na defensiva. Vai para o ataque nessa área também.

Ordem pública

A definição de mais essas estratégias de campanha para conter o avanço do PT, surgiu depois de uma série de reuniões de avaliação das

últimas pesquisas de opinião que apontaram empate técnico entre Fernando Henrique e o candidato do PT. As pesquisas mostraram que o pavor que os eleitores, principalmente, os de classe média têm da possibilidade de que a vitória do PT em outubro possa significar um rompimento da ordem pública, é mais expressiva do que a insatisfação da população com as ações do governo Fernando Henrique.

Segundo integrantes da coordenação de campanha de Fernando Henrique, os eleitores, como nos anos anteriores em que Lula foi candidato à presidência da República, continuam temendo que uma eventual vitória do PT resulte em uma onda de convulsão social com o recrudescimento dos saques, greves e situações de violência.

O desempenho do candidato Fernando Henrique vem sendo avaliado, desde as primeiras quedas nas pesquisas, semanalmente. O Governo está ciente das suas di-

ficuldades. A idéia de associar a figura de Lula ao Movimento dos Sem Terras, por exemplo, é uma forma de contornar um dos principais problemas dos marqueteiros da reeleição: segundo as pesquisas, os eleitores não associam a imagem de Fernando Henrique à de um candidato identificado com os problemas do cotidiano.

Pelas pesquisas, o Presidente é muito bem conceituado como estadista, chefe do governo etc. Mas quando se trata de questões muito próximas ao dia-a-dia do eleitor, como filas para atendimento de saúde, escolas para os filhos e segurança pública, o candidato do PT leva a melhor. Como é muito difícil mudar a imagem consolidada pelo primeiro mandato do Presidente em apenas três meses de campanha, a solução é associar Lula às manifestações de que as pessoas não gostam, transformando-o em uma espécie de bicho-papão.

Coordenador

Nos próximos dias, a coordenação de campanha define o nome do coordenador do programa de governo para o segundo mandato de Fernando Henrique. Segundo integrantes da coordenação, o ministro da Educação, Paulo Renato, seria realmente o coordenador do programa, apesar dos desmentidos feitos, no domingo, em Washington, onde se encontrava com o presidente Fernando Henrique. Mas existem dúvidas reais sobre a conveniência da sua saída do ministério.

Paulo Renato, no entanto, não se afastará do Ministério da Educação enquanto perdurar a greve dos professores universitários. O Governo entende que o movimento grevista assumiu conotações políticas e daí o impasse e a falta de perspectivas de um fim para o problema. Na avaliação do MEC, não basta ao comando grevista obter uma vitória. O importante é impor uma derrota ao Governo.